

Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por LMartins - 06/06/06 08:06

Esta Ã¡rvore discute o conteÃ¡do do artigo: Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

HÃ¡j uns anos, numa reuniÃ£o de pais do 5.º ano, perante a recorrente ausÃªncia dos pais/educadores doa alunos com baixo rendimento escolar e mal comportados e com o objectivo de os trazer Ã Escola, atÃ© para que as reuniÃµes de pais deixassem de ser um desfiar de queixas do Director de Turma sobre os alunos nÃ£o respresentados e pudessemos passar a outros assuntos de interesse geral, entre os quais o aproveitamento geral dos n/ prÃ¡rios filhos, muito aquem das nossas (minhas e dos dias de hoje) expectativas, apesar das boas notas, sugeri que tentassemos trazer alunos e famÃ-lia Ã Escola, por exemplo, aos sÃbados, com actividade culturais, lÃdicas, de confraternizaÃ§Ã£o, para que esses pais se habituassem a ir Ã Escola nÃ£o apenas para ouvir queixarem-se dos filhos e se relacionassem com os outros, criando uma "bolsa de vizinhanÃ§a/vivÃncia comunitÃria". O Conselho Directivo informou-nos de que tal nÃ£o era possÃ-vel por falta de recursos humanos para promover a limpeza, etc.. Que nÃs prÃ¡rios a farÃ-amos, retorquimos; que nÃ£o era possÃ-vel.

Nessa mesma semana, a minha filha trouxe um convite para os pais assistirem no sÃbado prÃximo Ã tarde, a um evento do interesse da evoluÃ§Ã£o dos alunos, evento esse que oferecia Ã crianÃsa que conseguisse convencer ambos os pais, um jogo electrÃnico; Ã mÃe, uns brincos e ao pai uma caneta... Ora esse evento tratava apenas da promoÃ§Ã£o de um conjunto de livros de inglÃs... Claro que reclamei, que a minha filha nÃ£o servia de caixa de correio de campanhas publicitÃrias, ainda por cima de baixo nÃ-vel. Na altura, a professora (de portuguÃs) que entregou os convites justificou-se que nem sequer tinha lido o convite, que apenas tinha obedecido a um pedido do Conselho Directivo e ficou muito zangada comigo, que tinha muito anos de ensino e por aÃ- adiante...

Pois Ã©, como dinamizar a relaÃ§Ã£o Escola/FamÃ-lia?

Nota: SerÃ possÃ-vel aumentar a letra do corpo do texto, para facilitar a intervenÃ§Ã£o de quem jÃ; nÃ£o vÃa muito bem? Obrigada.

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por luisladeira - 06/06/06 15:06

O meu depoimento tem por base uma suspeita.

Bem, estou consciente de que uma suspeita nÃ£o Ã© matÃria suficiente para tirar conclusÃes seguras. Por isso, as minhas conclusÃes devem ser tomadas como provisÃrias. EntÃo qual o interesse disso? Porventura nenhum, porÃm em minha defesa declaro que essa minha suspeita tem um contorno experiencial.

Pois bem, sou professor do ensino secundÃrio e tenho mais de trinta anos de serviÃço.

Ã% dessa experiÃncia que tiro a minha suspeita de que o sistema educativo portuguÃs falha sobretudo no terceiro ciclo.

Ora, ora, a velha pecha do alijar de responsabilidades! Responsabilizar um ciclo em que nÃ£o lecciono e que directamente antecede aquele em que lecciono (sou professor de Filosofia, disciplina que sÃ Ã© leccionada no secundÃrio) Ã© fÃcil e assemelha-se a um sacudir de Ãgua do capote. Mas para afastar a ideia de que essa seja a minha intenÃ§Ã£o, vou fazer um esforÃço de clarificar o meu ponto de vista.

Verifico, com frequÃncia que alguns alunos com quem trabalho, no dÃcimo ano de escolaridade, recÃm aprovados no terceiro ciclo, apresentam graves deficiÃncias comportamentais no que concerne a hÃbitos de trabalho. Verifico que ficam Ã espera de que a soluÃ§Ã£o seja dada pelo professor; que, em trabalhos de grupo, se limitam a fazer cÃpias dos textos da bibliografia justapondo-os, sem a noÃ§Ã£o de que isso nÃ£o se conforma a trabalho de grupo nem tÃo pouco a trabalho original; e alguns atÃ nÃo distinguem o espaÃço de aula do espaÃço de convÃvio. Em suma, um grupo considerÃvel dos alunos que frequentam o dÃcimo ano nÃo tem ainda adquiridos, ao fim de nove anos de escolaridade obrigatÃria, correctos hÃbitos de trabalho e de participaÃ§Ã£o na aula.

E nÃo me refiro a esporÃdicas atitudes de descompressÃo ou atÃ uma que outra atitude impertinente que a idade potencia; trata-se de algo mais estrutural que impede a aquisiÃ§Ã£o de conhecimentos e o amadurecimento, em tempo Ãtil, que permita acompanhar com sucesso a dificuldade dos programas do secundÃrio. Neste particular, e no respeitante Ã Filosofia, por exemplo, as divergentes atitudes revelam a diferenÃa de aproveitamento. Como estes alunos tÃam habitualmente 15 anos, e Ã s vezes atÃ 14, quando iniciam o 10.º Ano, o grau de abstracÃ§Ã£o de certos conceitos cria-lhes algumas dificuldades. PorÃm, os alunos que tÃam hÃbitos de trabalho bem adquiridos progredem a ponto de recuperarem ao longo do ano. Os outros nÃo. Escudam-se na dificuldade e desistem imediatamente.

Mas que tem isto que ver com o terceiro ciclo? E como Ã© que uma intervenÃ§Ã£o a este nÃ-vel pode alterar este estado de coisas, que nÃo sendo geral, Ã© suficientemente alargado para pedir intervenÃ§Ã£o?

Aqui especulo um pouco, e a soluÃ§Ã£o que proponho gostaria de a ver discutida, mas porventura experimentada em ambiente restrito.

Os alunos atravessam o terceiro ciclo entre os 12/13 e os 14/15 anos, idade de transformaÃµes profundas a nÃ-vel psico-somÃtico. Nesta altura, no nosso sistema educativo, estes alunos jÃ estÃo a frequentar disciplinas independentes geridas por diferentes professores. Ou seja, nÃo obstante haver um Director de Turma que coordena a Turma como grupo, ficam os alunos em boa medida entregues a si mesmos. Respondem a cada professor em separado.

O cômputo da situação far-se-  em momentos distanciados de avaliação. Mas não serão eles ainda muito novos, e sobretudo, atendendo   situação de mudança de crescimento, demasiado desamparados para que assumam assim a responsabilidade de se auto-orientarem? Ligo isto sobretudo   aqueles alunos cujos encarregados de educação, por razões várias, não os acompanham no quotidiano escolar. Não seria desejável alterar esta situação?

Pois bem,   no pressuposto de que valeria a pena intervir neste ponto que proponho uma solução, que afinal nada tem de original. Trata-se apenas de prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares no terceiro ciclo, reduzindo assim o número dos professores de cada turma deste ciclo e aproximando-os mais dos alunos.

Eu sei que uma proposta destas tem vários inconvenientes porque, entre outras altera es, mexe com a orgânica das habilita es e forma o da docência. Por isso, para além de a ver discutida, creio que teria interesse saber se há por essa Europa fora alguma experi ncia deste tipo. E, caso se julgue de interesse avançar para ela, que nunca se a aplique sem que antes seja testada em restrito ambiente experimental.  o que já anda toda a gente farta de  «inova es» na escola. Sobretudo porque os investimentos duplicam, as reformas sucedem-se e os resultados mant m-se com um nível de insucesso elevado.

Fecho por ora esta minha contribui o para o debate em curso.

O que me faz intervir   o desapontamento. J  atravessi várias reformas e ilusões. De tal modo que até receio fazer propostas. E, no entanto, algo tem que mudar, se for para melhor. Mas já não alimento grandes ilusões. Esta escola   a escola deste país, cada vez mais incapaz de sair da cauda da Europa. Por m resignar-se a esta fatalidade   desistir de lutar.

Voltarei!

Luís Ladeira,

professor da Escola Secundária Braamcamp Freire, Pontinha

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por LMartins - 07/06/06 15:06

Caro Professor Ladeira,

Permita-me que assinie a sua reflexão, quase na sua totalidade. De facto e logo no 2  ciclo, há uma mudança drástica: as crianças vêm das mãos de apenas uma docente que, muitas vezes, acompanha os pais na constru o da redoma   sua volta. A par das muta es físicas e psicológicas próprias da idade, têm que adaptar-se a diversas personalidades, quer dos vários professores, quer dos alunos também eles em diferentes graus de desenvolvimento, sem que haja elementos agregadores desse repente, dolorosa e não rara e fragilmente exposta dispersão (o Director de Turma, que muitas vezes   também novato na escola, não   figura de referência bastante).

Por outro lado, há uma falência quase completa na aprendizagem da organiza o individual do trabalho e da interac o grupal: os trabalhos feitos pelos pais, os trabalhos de grupo feitos sempre pelos mesmos, os trabalhos de "copy and paste" (se ao menos lessem o que entregam!) caídos da internet, passam incólumes e geram boatos. Quantos alunos sabem fazer uma pesquisa? Quantos alunos sabem consultar um dicionário, elaborar uma carta, endereçar um envelope? Quantas escolas trabalham a interdisciplinidade?

Digo que assino quase na totalidade, porque não estou certa se prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares aos 2  e 3  ciclos será melhor caminho que o inverso "multidisciplinar o 1  ciclo". Em tempos pensei muito no assunto e a ele voltarei pelo seu desafio aqui.

O que me parece deveras premente   direccionar a educa o/ensino para grandes objectivos gerais e específicos; nos gerais, incluir as necessidades individuais e colectivas, estabelecer metas catalizadoras da transforma o; nos específicos, atender   especificidade de cada local, de cada cultura loco-regional e entender a comunidade também ela como agente educativo, interagindo com ela. O modelo, que ainda muito grassa nas n/ escolas, da transmissão de conteúdos, numa oralidade de cima para baixo (que depois exige aferi o de conhecimentos por escrito), não motiva ninguém, não vai dar a lugar nenhum com ideal preso numa estrela.

No meu tempo de "pequenina", ainda no tempo do fascismo, estudava por gosto (tive óptimos professores e 2 outros excelentes, ambos irmãos "Pires" - um a Matemática e outro a Portugu s, que até elaborou uma gramática poética p n s fixarmos as regras) nem me lembrava que isso me iria ajudar profissionalmente, nem me preocupava com o emprego; agora, eles estudam o que não gostam, de formas que detestam e sabem que não vai servir para nada, que já nem os bons conseguem emprego. Depois, também acabamos com o ensino profissionalizante (sim, que o IIEP não serve para quase nada, diga-se!) e que boas escolas tínhamos!

 o assim, 30 anos de Abril desejado, amado ainda antes de nascer, como um filho, e ainda andamos nisto! País incapaz de sair da cauda da Europa!

Que aqui, pequeninos, ainda consigamos pintar o mundo! Volte, sim!

Re:Qualidade e Equidade em Educaçã

Afixado por Luã-s Ladeira - 21/06/06 22:06

Pois ã! ã%o possã-vel que tambã©m se possa colocar a questã£o desse modo,L. Martins. Por que nã£o multidisciplinar o 1ã ciclo? Nunca examinei o problema desse prisma. Em todo o caso, aquilo que eu proponho ã© mensurã;vel. Isto ã©, ã© possã-vel ser montado um observatã³rio da evoluã£ã£o dos alunos a partir do primeiro ciclo e verificar se hã; ou nã£o uma certa desorientaã£ã£o, sobretudo a partir do terceiro ciclo, precisamente naqueles alunos que nã£o tã³m rectaguarda. Ou seja, aqueles cujos pais, pelas mais diversas razã£es, nã£o os acompanham. A minha hipã³tese assenta no facto de chegarem ao dã©cimo ano alunos com atitudes completamente diferentes. Aqueles que tã³m mã©todos de trabalho e nã£o confundem a sala de aula com a sala de convã-vio e os outros, que nã£o tendo essa disciplina de trabalho, nã£o sã³ desistem ã primeira dificuldade, como ainda, e por via disso, se tornam um estorvo para a aprendizagem dos restantes. Bem, mas quem sabe se esse ã«despisteã» nã£o advirã; duma sobreprotecã£ã£o no primeiro ciclo? Bem, ã© uma hipã³tese de trabalho. Parece-me, no entanto, mais fã;cil fazer a observaã£ã£o a partir da situaã£ã£o existente e caso a hipã³tese nã£o seja consistente, inverter entã£o a anã;lise.

Crise da Escola?

Afixado por Josã© de Araã³jo Ribeiro - 05/07/06 13:07

Crise da escola ou crise da educaã£ã£o ?

O estado da educaã£ã£o/escola em Portugal nã£o ã© primariamente o resultado, como alguns querem fazer crer, da imposiã£ã£o (?), no nosso sistema, nas ã³ltimas dã©cadas, de determinadas ideologias pedagã³gicas. Resulta sim do aglomerar de contradiã£ã£es e de orientaã£ã£es de sinal contrã;rio que descaracterizam e aprisionam a escola no seio de problemas -chave que fazem com que a educaã£ã£o nã£o saia do marasmo em que se encontra e seja o campo de batalha de todas as opiniã£es.

Primeira questã£o: como conciliar a aprovaã£ã£o generalizada (ou nã£o ã©retenã£ã£oã©) com qualidade e exigã³ncia? ã³ cada vez maior o nã³mero de alunos que muitas vezes afirmam nã£o quererem aprender, estarem na escola porque sã£o obrigados, que aquilo nã£o lhes interessa para nada, etc. e em relaã£ã£o aos quais os professores tentam por todos os meios ensinar alguma coisa. Enquanto isto, os outros alunos, a excepã£ã£o, os melhores, os que nã£o dã£o problemas, os bem-educados, os que querem aprender e para os quais a escola faz sentido vã£o perdendo hã;bitos de trabalho, de rigor, de disciplina qualidades que, mais tarde, por exemplo, no ensino superior, serã£o acusados de nã£o possuã-rem... Creio que este problema ã© conciliaã£ã£o entre progressã£o para todos e qualidade de ensino - se poderã; resolver com a criaã£ã£o de turmas de nã-vel, em que os alunos nã£o transitam todos para o mesmo nã-vel de aprendizagem mas para nã-veis diferenciados em relaã£ã£o ã progressã£o nos estudos. Por exemplo, um nã-vel permitirã; a progressã£o para os estudos superiores, outro, para cursos tã©cnico-profissionais e outro, ainda, para os cursos profissionais. Evidentemente que estes nã-veis nã£o seriam estanques entre si, permitindo em determinadas condiã£ã£es, a respectiva transiã£ã£o. Haverã; outras maneiras?

Segunda questã£o estruturante: em nome da inclusã£o, em nome da escola para todos tudo comeã£sou a ser permitido: as normas deixaram de ser cumpridas, os regulamentos nã£o sã£o aplicados pois nã£o sã£o permitidas sanã£ã£es que impliquem retenã£ã£o do aluno, ou a exclusã£o da escola, mesmo quando esta sente que nã£o tem condiã£ã£es para lidar com os problemas criados por uma minoria ãnfima de alunos que estã£o lã; para tudo menos para se ã©deixaremã© educa o laxismo: Permite-se tudo aos alunos. Os professores sentem-se impotentes. A escola transforma-se num local em que tudo pode acontecer e nada ã© sancionado: Um professor ã© ameaã£ado fisicamente, mas no dia seguinte tem o aluno na sua aula para lhe repetir a ameaã£a. Deste modo vai-se minando a autoridade do professor... resta um pequeno problema: todos sabemos que sem autoridade nã£o hã; educaã£ã£o.

Ainda em nome da inclusã£o, da escola para todos, a escola comeã£sou a diminuir o seu grau de exigã³ncia em relaã£ã£o aos saberes.

E Agora a questã£o: se a escola nã£o faz com que os alunos interiorizem normas, nã£o exige saberes, qual ã© a sua funã£ã£o?

Toda a gente tem noã£ã£o deste problema mas consciente ou inconscientemente nã£o o quer equacionar: os pais que tã³m disponibilidade financeira e que querem uma boa educaã£ã£o para os seus filhos, que desejam que eles se constituam cidadã£os autã³nomos, conscientes, livres e crã-ticos pã³m-nos no Ensino Particular - lugar onde existem normas, onde se ensina e se aprende. Veja-se que o nã-vel de qualidade entre o ensino pã³blico e o privado aumenta a cada ano que passa.

A quem aproveita esta situaã£ã£o? Nã£o estamos em nome da inclusã£o a aumentar o nã³mero dos excluã-dos? Nã£o estamos a reforãçar as diferenãças de origem em nome da igualdade de oportunidades?

Enquanto nã£o se tiver a coragem de repor a autoridade do professor, de dizer aos alunos e pais dos alunos que hã;

normas de boa educação que têm de ser respeitadas sob pena de penalização, que os alunos não podem passar, por exemplo para o segundo ciclo, se não tiverem interiorizado o respeito pela autoridade (Pais, professores, empregados, etc.), capacidade de ouvir e executar uma ordem, teremos muito do esforço dos professores desaproveitado, teremos ainda no 12º ano professores a queixarem-se que gastam muita da sua energia, que deveria ser gasta em ensinar, a mantê-los em ordem para poderem ensinar alguma coisa.

Curioso que os professores do Ensino Superior que tradicionalmente estavam imunes a este problema venham agora estranhar a atitude com que os seus alunos se apresentam nas aulas: a de quem vai à espera de ser entretido. Finalmente há que responsabilizar os pais pela educação dos seus filhos. Não são eles os primeiros responsáveis pela educação no dizer da Constituição da República? Mas como? Há medidas que se poderiam tomar e que, quanto a mim, teriam consequências extraordinariamente positivas. A primeira consistiria em dar-lhes liberdade de escolher a escola para o seu filho e acabar com a hipocrisia reinante de declarações falsas de residência, cunhas, etc. A segunda, de um outro nível, condicionaria a atribuição do abono de família a uma declaração da escola em que esta atestaria que o aluno em questão é assíduo e bem comportado. Finalmente, proíbe-se (na constituição ou na lei de bases) que se intervenha no Sistema Educativo sem previamente se fazer avaliação daquilo que se quer mudar. É necessário que todos os intervenientes (alunos, pais e professores) sintam alguma estabilidade e coerência no sistema para que o possam respeitar.

Re:Crise da Escola?

Afixado por jarib - 10/07/06 09:07

No artigo não está referenciado o autor - José de Araújo Ribeiro.

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por LMartins - 05/08/06 05:08

E, quem sabe, a criação de um sistema misto?

Os pais rabalhando em "part-time" para terem mais disponibilidade para educar os seus filhos - "O Direito/Dever de Educar compete aos Pais (nº5 Art.36º da CRP) e é um direito/dever inalienável com a única excepção prevista no mesmo artigo que é o caso dos progenitores não cumprirem com os seus deveres fundamentais podendo os filhos, mediante decisão judicial, ser subtraídos à sua tutela.", posted by Francisco Cunha - e os professores, do Ministério da Educação, também em "part-time", desenvolveriam profissões paralelas, a fim de entenderem melhor outros mundos do trabalho, certamente com ganhos para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Quem sabe, um grande desafio é Qualidade, Equidade em Educação e Cidadania... e ao desemprego dos professores a substituir os pais nos seus locais de emprego ...

Lembrei-me disso a propósito da situação que se repete todos os finais de ano: os professores, aflitos, alguns mesmos atrapalhados, a proceder com os pais à realização das matrículas. A "fazer trabalho de administrativo", no seu dizer. Lembrei-me que genericamente o trabalho administrativo é muito muito depreciado/pouco valorizado no nosso país e o de professor, nalguns casos, também. Talvez que acabar com a profissão única nos valorizasse a todos e, sobretudo, beneficiasse o público-alvo principal - as crianças e jovens, o futuro do País...

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por coisitasadizer - 06/08/06 10:08

Será em família ou o vazio da comunicação?

Sou professora há alguns...muitos anos...tendo iniciado a minha carreira aos 18, em 1973, ainda menina e a estudar ao mesmo tempo...e isto tudo para dizer que experiência não me falta nesta profissão que abracei por vocação. Como docente de Língua Portuguesa verifiquei que a base do sucesso dos meus alunos ocorreu, numa primeira fase, quando os alunos entendiam o que ouviam ou liam não esquecendo também o que é importante fenómeno de aprendizagem acontecia em situações de empatia comunicativa...e aí...desculpem-me o tom coloquial... surge-me a pergunta: os nossos alunos comunicam realmente?

À noite, em casa, discute-se a qualidade de um livro? ... uma teoria recém divulgada?.. a veracidade de uma notícia? ...a beleza de uma obra de arte? ...a justeza de um conflito?...

Este problema caiu em mim como um relâmpago, principalmente durante este ano lectivo que acabou agora, por ter

verificado, durante as ditas aulas de substituição, que os alunos não percebiam, por exemplo, Matemática por não entenderem Português... e verifica-se também que se o docente "perder" uns minutos a comunicar com os alunos ganha certamente aulas muito mais interessantes e a qualidade das aprendizagens aumenta substancialmente... Mas reafirmo que os "serões em família" são a coluna dorsal para a aquisição, interesse e qualidade das aprendizagens...

Os governos devem propiciar condições aos pais para que eles possam cumprir essa sua competência... Aos alunos não pode ser deixado apenas o direito de absorver pacificamente a informação que lhes vem de televisões de péssima qualidade cultural, da internet (falo como professora de TIC), de meia dúzia de professores por dia... Há que criar condições, incertezas, desafios... para obter muitas e melhores respostas para os nossos alunos... Sem querer ser radical ouso perguntar "Vou adquirir estes ou aqueles conhecimentos para os dar a quem, para os trocar com quem...!?" É que, afinal, a nossa vida é feita de trocas... e a comunicação é um incentivo à aprendizagem e, sem dúvida alguma... o nosso primeiro rosto social!

Paula Gomes

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 11/12/06 23:12

2.1 - Que saberes e que competências serão fundamentais a todo o cidadão do sec.XXI?

Parece-me que ao cidadão actual rodeado pela rápida evolução tecnológica e nela plenamente envolvido, quer queira, quer não, haver que dar-lhe um arcabouço cultural, psicológico, físico e artístico muito sério e sólido. Ajudá-lo a ser cada vez mais capaz de participar na globalização da democracia para bem do ser humano e protecção das condições de vida futura na terra parece-me hoje mais que básico. Continuar a ingressar em Engenharia com 8 e 9 a Matemática e ou Física é um erro crasso que haveremos de pagar caro parecendo-me absolutamente incorrecto e dum paternalismo patético! Por outro lado, continuar a exigir-se 19 para o ingresso em medicina enquanto em Espanha os candidatos são aceites com 14 também acho errado, até porque esses depois vão para cá preencher vagas não preenchidas. Permitir que os alunos passem na 4ª classe, digo, 4º ano sem saberem bem a tabuada e mesmo passem no 9º sem a saberem sendo incapazes de fazer contas certas sem utilizarem a calculadora julgo ser uma falha grave dum ensino demasiado tolerante e insequente. Que passem vários anos do ciclo nunca acabando a Álgebra e nunca podendo, portanto, dar a matéria de geometria é outra falha grave que há dezenas de anos quando tive de acompanhar o meu filho, hoje com 32 anos, me frustrou imenso e nunca pude perdoar ao sistema de ensino aos 25 de Abril. Como se pode dar Desenho rigoroso nos primeiros anos se os alunos não têm nos primeiros anos básicas de geometria? O Desenho livre deve ser muito estimulado, mas no meu entender o recurso à cor utilizando os diversos materiais para o efeito tem que ser levado muito a sério desde cedo. A nutrição e a culinária básica nos seus aspectos mais importantes para a saúde não podem faltar. Antes de terminar o 12º ano todos devem ter tido uma disciplina de puericultura e primeiros socorros. No meu entender a educação sexual deve começar no 1º ano e prolongar-se até ao 12º ano tornando-se anos após anos cada vez mais uma disciplina levada muito a sério sendo possível chumbar-se e ter que repetir a disciplina. Nos trabalhos manuais parece-me que pequenos trabalhos de costura devem ser incluídos. A ginástica educativa deve começar por prevalecer ao desporto prolongando-se a partir de dada altura até para um ou mais desportos para os quais os alunos hajam demonstrado reais competências em vez de os por desde cedo e quase antes de mais nada a jogar futebol. A Religião e moral deveria dar lugar ao estudo sério e comparativo das mais importantes religiões do mundo com a explanação e compreensão das suas semelhanças e diferenças. Havendo alunos suficientes e previamente inscritos até ao mesmo tempo poderia haver várias disciplinas de religião: catolicismo, islamismo, budismo protestantismo, cristianismo ortodoxo, etc. Muito fanatismo actual e incompreensão acabariam a. Hoje quando os meninos fazem testes, têm apenas três ou quatro folhas do livro para estudar e andam nesta palhaçada o ano todo! Desde há anos (dezenas, sei lá) que se tem medo de massacrar a memórias das crianças! Frustrava-me imenso que o meu filho, hoje com 32 anos, não fosse obrigado a fazer ditados no 4º ano. No entanto, tendo embora uma inteligência manual e artística excepcional pouco a parte de desenvolver porque não lhe era dada real oportunidade! As disciplinas científicas, Física, Matemática, Geometria, Ciências Naturais devem ter muito laboratório ao mesmo tempo sério e lúdico se é que não é de todo impossível essa coexistência! No meu entender, a memória deve ser muito estimulada, o cálculo sem calculadores para fomentar e desenvolver o exercício mental! O exercício físico sobretudo na infância deve ser feito de preferência ao ar livre. As regras simples de civismo e de trânsito nas ruas devem começar na primária. A navegação na Internet e a capacidade de escolha do que interessa ter que, como na vida quotidiana, ser ensinada, treinada e sobretudo compreendida. Acho ainda que as noções básicas de economia familiar devem estar presentes até um dado momento a partir do qual se evoluirá para uma economia mais geral e financeira para que o aluno do 12º já seja capaz de saber por as suas economias a render, saiba o que são dígitos e créditos e comece a perceber que o ordenado mensal nacional quase lhe não dá para comer decentemente. Portanto nesta economia geral necessário se tornar incluir no currículo um ano de contabilidade que não chegue apenas ao nível da conta caixa! Acrescentaria que a não ser alunos de certas matérias para cima todos os outros seriam obrigatoriamente encaminhados para cursos técnico-profissionais logo a partir do 7º ano e ou no currículo um ano de contabilidade a partir do 9º. A título breve a escolaridade obrigatória deve estar no 12º ano. O pleno domínio da Língua e Cultura

portuguêsas   fundamental bem assim como um razoável domínio de pelo menos duas línguas estrangeiras.Finalmente uma disciplina de Saúde Pública ou o tema integrado noutras ajudaria a combater o tabagismo e a evitar as drogas, não só pelo conhecimento teórico, mas sobretudo pela demonstra o na vida pratica e de todos os dias apreciando os doentes nos hospitais, questionando-os em colóquios, olhando e falando com doentes de sida em estado avançado. Para terminar mesmo, direi que a sociedade rasca e   rasca de hoje que teve o topete e a cegueira de se queixar da juventude rasca a deu origem, deve meter a mão na consciência, reagir enquanto   tempo e endurecer a educa o e treino dos homens e mulheres do amanhã para bem deles e nosso descanso!

Re:Qualidade e Equidade em Educa o

Afixado por sequeira - 12/12/06 17:12

2.2 - Como fazer os alunos aprenderem mais e melhor?

Como pai com 61 anos e frequ ncia do ensino superior que acompanhou o filho até ao 9 o ano e assistiu   inépcia do ensino terei possivelmente muitas queixas e qui s  poucas solu es. Mas também fui aluno até ao 7 o ano antigo ap  o qual havia o ingresso na faculdade com exame   nucleares se se não tivesse dispensado. Assim, tenho a experi ncia dum pateticamente tolerante e incompleto e tive a experi ncia dum ensino deveras exigente e trabalhoso. Se, depois de conhecer os dois me pedissem para escolher entre os dois um ensino para o meu filho, não tenho d vida em dizer que escolheria sem mais delongas o ensino a que fui sujeito. Por aqui se pode desde já concluir que sem muito trabalho, sem muito exercício de memória, com calculadora na mão por tudo e por nada, com os programas todos os anos por acabar, com pouca leitura, com erros ortográficos e capacidade de redac o sofrível ou má, sem espírito de sacrifício, sem auto-disciplina,sem resistência ao esforço, não pode haver sucesso! Depois há professores e professores. Há os que sem perderem o respeito dos seus alunos e a exigência são capazes de estimular e transmitir o gosto pela disciplina motivando o trabalho e a colabora odos seus alunos.Sempre ouvi dizer que o bom professor não   essencial e necess riamente aquele que sabe muito, uma sumidade, mas aquele que sabe ensinar! Depois, a meu ver   fundamental que na mesma disciplina o aluno não ande a conhecer um professor diferente todos os anos. O mesmo se deve passar com o compêndio de estudo para que se torne familiar ao aluno. Julgo que o gosto pelas ciências, fisico-química, matemática, ciencias naturais será tanto maior quanto maior for o trabalho laboratorial e ou em contacto com a natureza atrav s da observa o, manipula o. Em pleno campo o aluno talvez se aperceba melhor da necessidade do cáculo, da orienta o, dos fen menos químicos, da necessidade do estudo dos animais e plantas, etc. Para além disso temos hoje um recurso que aqui Há poucos anos não havia, a Internet.

No meu entender os alunos deveriam ter exame no 4 o ano versando toda a mat ria supostamente aprendida. No 7 o ano deveriam ter de novo exames versando toda a mat ria at  r  assimilado em especial, isto  , essencialmente a do 6 e 7 o anos.No 9 o ano os exames versariam sobre as matérias das, mas utilizando evidentemente bases anteriormente apreendidas. O mesmo deveria acontecer no 11 o ano e ou 12 o! E   evidente que todos os anos os testes teriam cada vez mais mat ria   medidade que o ano lectivo avançava! Este exercício de prepara o para os testes e exames finais durante uma vida escolar dariam aos alunos um arcaboi o, uma capacidade de trabalho, uma capacidade de memoriza o, disciplina, resistência ao esforço, poder mental e psicológico, domínio e segurança em si pr rios que depois o ingresso na faculdade e o seu progresso seriam mera consequência! Ingressar na faculdade e sobretudo sair de l , não constituiria como acontece hoje para muitos que, não obstante mal preparados , l  chegam uma tarefa árdua, quantas vezes dif lima de superar!

Uma maior proximidade entre aluno e professor deveria ser desejável dentro do devido respeito. A proximidade entre professores e pais deve também ser estimulada sem que se queira fazer dos pais explicadores dos filhos! A necessidade de recurso a explica es não deveria ser um lugar comum como vem sendo num aluno regular! Entendo também que toda a escola a partir do 4 o ano deveria ter apoio psicológico e assistente social. Entretanto as cantinas teriam que ser orientadas por nutricionistas banindo-se do dia a dia toda a porcaria que hoje   mais vulgar ver-se   venda provocando maus h bitos alimentares, m  nutri o e obesidade! Terminaria que urge criar o gosto pelo trabalho, pelo esforço face ao exito esperado em vez de gente incapaz de resistir ao esforço,   luta por uma nota muito melhor do que aquela que apenas   suficiente para passar! O treino e o gosto para atingir mais e melhor, cria-se, estimula-se, acarinha-se desde a primária e premeia-se com frequ ncia! Mas também sem professores com o real gosto e voca o por s -lo, com são os mercenários do ensino, não iremos nunca muito longe! Está em causa o sistema e não só os eternos pi es das nicas, os alunos, as crianças! Urge também que o professor se assuma como educador por inerência e tenha a capacidade de s -lo! Todos sabemos que para muitos alunos os seus professores podem ser os exemplos mais positivos e visíveis que têm na sua vida! Quantos de nós não recorda com saudade, respeito e carinho professores que   s vezes até eram exigentes e nem eram generosos nas notas? Hoje eu recordo o meu professor de portugu s desde o 1 o ano até ao 5 o, o Sr. Dr. Noronha! Consegui que eu acabasse por gostar de tentar dividir as ora es n'Os Lusíadas e encantava-me com a mitologia que lhe era inerente!

Re:Qualidade e Equidade em Educaçã

Afixado por sequeira - 12/12/06 23:12

2.3 - Como nos poderemos assegurar que as aprendizagens b

No meu entender antes de mais ser preciso definir com precisão quais os saberes b básicos a assimilar! Depois disso preciso saber transmiti-los tornando-os o mais apelativos poss-vel e fazer compreender de formas diversas a necessidade vital para assimil-los. Os exerc-cios na escola, a resoluç de problemas, o treino da leitura e da interpretaç do texto lido, as redaç sobre os temas mais variados, os ditados para atingir objectivos de escrita sem erros ortogr-ficos, a repetiç de palavras incorrectamente escritas para mem-ria futura ser, como sempre foram ou deveriam ter sido formas de consolidaç das aprendizagens, memorizaç e treino. At ao 4º ano, por exemplo, o aluno do terceiro para o 4º ano deve ter cada vez mais desenvoltura e rapidez em fazer contas, ler sem ser aos solavancos e escrever com alguma velocidade sem erros. Em anos mais avançados os testes mensais e trimestrais sero outros meios de avaliaç! A avaliaç cont-nua feita pelo pr-rio professor no dia a dia do aluno tamb- uma forma importante, mas no meu entender sem testes e sem exames finais a avaliaç nunca ser completa. Acho at que a conjugaç duma ou mais notas de avaliaç cont-nua com as notas dos exames ser uma forma mais justa e qui- mais acertada porque o aluno pode ter um bloqueio mental no exame provocado pela natural ansiedade! Muitas disciplinas permitem a resoluç de problemas atravçs da aplicaç dos conhecimentos. Enfim haver- certamente um manancial de formas criativas de avaliar a consolidaç de conhecimentos que nos permita ter uma percepç muito aproximada e precisa da real aprendizagem obtida pelos alunos.

Item editado por: ercilia faria, em: 13/12/06 12:12

Re:Qualidade e Equidade em Educaç

Afixado por sequeira - 13/12/06 21:12

2.4 - Como vamos prevenir os abandonos escolares precoces envolvendo escolas e comunidades locais?

Quero crer que aqui o serviço tem muito mais a ver com Assistncia Social, protecç fam-ia atravçs de habitaç decente e sustentabilidade econ-mica m-nima. Nas fam-ias onde houver desemprego de um ou mais membros esteios do sustento, onde houver consumo de drogas e ou alcoolismo as crianas n- podero ter meio minimamente prop-cio ao sucesso escolar! Julgo ser, pois, muito importante, n- s- o apoio fam-ia, mas sobretudo a crian- na escola fornecendo-lhe alimentaç saud-vel, roupas, e, claro, livros e material escolar gratuito. A escola tem de demonstrar aos pais fracos e pobres e as respectivas crianas que n- o inimigo, mas o suporte que de outra maneira n- teriam e que a perman-cia e a assistncia da crian- na escola - factor sine qua non para que o apoio se mantenha! Julgo que n- ser dif-cil criar em cada escola, sobretudo em meios urbanos, movimentos de solidarieda para com os menos favorecidos. H- muita gente que roupas a mais aos seus filhos de tal forma que dar uma camisola, umas calças, uma saiam umas meias e ou pe-ogas, uma capa, um casaco, etc, at lhes cria mais espaço l- em casa para novas coisas! Repare-se que hoje em certos centros paroquiais j- h- lojas de roupas usadas! E se s- lojas essas roupas s- cuidadas e tratadas para poder ser vendidas a preços uns mais simb-licos do que outros. H- pessoas cujos sistemas de assistncia m-dica lhes permite ter muitos medicamentos dentro da validade que n- usam. Se algu- na escola pudesse encarregar-se dessa recolha e depois com a ajuda de algum t-cnico os pudesse distribuir aos pobres talvez se pudesse resolver muitas constipaçes e ou at gripes! Se na escola n- houver enfermeira haveria que conseguir que l- fosse uma com alguma regularidade e ou no m-nimo nas alturas de necessidade. Quem sabe se de entre os pr-rios pais dos alunos n- poderia haver um movimento de voluntariado s- para isso? Np Natal e P-iscoa seriam alturas proprias para as escolas fazerem os seus pedit-rios para puderem ajudar os seus pr-rios alunos. Nas cidades maiores acho que tem de haver serviço social dentro da escola e psic-ologos competentes para prevenir e ou detectar os problemas das crianas no seu in-cio. Alunos com fome e maus tratos familiares detetctar-se- am com alguma facilidade se houver t-cnicos prontos para ajudar. A timidez exagerada e ou a agressivida incontida sero situaçes a pesquisar. Contudo, o trabalho contra o insucesso e o abandono escolar precoce tem que ser feito concertadamente por v-rias instituiçes competentes para o efeito envolvendo evidentemente os poderes p-blicos locais. Mas tamb- - verdade que o serviço social e o psic-ologo t-am de estar acess-veis a pais e alunos. - preciso duma vez por todas que a sociedade entenda que a educaç dos filhos dessa mesma sociedade n- - feita s- pelos professores e ou s- po pelos pais! Tem de ser feitas por um conjunto de instituiçes em colaboraç directa ou indirecta com pais, professores e escola. Tam que ser uma tarefa de todos, porque todos lucrar- que n- haja fruta podre num cesto de muita fruta madura! Entendo tamb- que um m-dico deve consultar as crianas nas escolas obrigat-riamente uma vez de tr- em tr- meses e ou sempre que assistente social e at o professor entendam que tal deve ser feito. Acho que assim se pode prevenir com algum sucesso o insucesso e o abandono precoce da escola. No meu entender a melhor pol-tica ser- prevenir e deve começar logo no in-cio do ano escolar. Quando fui chamado para o serviço militar fui examinado dos p- os - cabeça, isto j- antes do 25 de Abril, e para que n- ficasse doente por d- c- aquela palha davam-nos uma vacina cavalgar que funcionava mesmo! Portanto, parece-me que uma das t-cnicas

devidamente adequada às circunstâncias já; não ser; propopriamente uma novidade, pode custar dinheiro a sociedade que não quer no seu meio escolar alunos a abandonar a escola! É evidente que isso tem de custar dinheiro. Por último para meios escolares mais rurais a norma será; quando a escola não tem os meios, terá de ser os meios a deslocar-se à escola!

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 14/12/06 23:12

2.5 - Como contribuir para o sucesso escolar e educativo de populações culturalmente muito diferente tornando essas diferenças um factor de enriquecimento cultural para todos e para a própria escola?

Ora bem, esta pergunta começa a ser quase recorrente já que no 1º ponto, Educação e Cidadania, foi feita de forma diferente e mais curta! A sugestão que me ocorre dar, por fim, não andar longe da que já dei da 1ª vez. Julgo que o 1º passo passar por uma mais fácil e rápida legalização dos estrangeiros no país e que essa legalização seja facilitada e apoiada por todos quantos estão em contacto com os estrangeiros, em especial, pelos empregadores. Depois vir a integração dos estrangeiros nas comunidades locais que devem ser ensinadas, não só a aceitá-los e integrá-los, como também a perceber que os estrangeiros, por muito que isso nos custe engolir, vão rejuvenescer a sociedade portuguesa deveras envelhecida e contribuir com o seu trabalho e impostos para o progresso do país. Quanto aos filhos dos estrangeiros que nascem cá ou que vão juntamente com os pais devem também ser acarinhados nas escolas que vão frequentar. Pela mesma razão que os pais são os que criam e não necessariamente os que procriam, própria passar a ser aquela que nos dá o país, a criação e onde a vida nos corre e é mais favorável!

Resumindo:- A legalização e integração rápida dos estrangeiros nas comunidades locais são os passos básicos, a meu ver. É claro que o ensino da língua portuguesa para estrangeiros será outro passo paralelo em que os poderes públicos locais se têm de envolver com alma e coragem! Entretanto há que se fazer todo um esforço de mentalização junto das populações através de todos os meios de comunicação, inclusive nas missas, envolvendo o apoio dos poderes públicos, exaltando a riqueza do pluralismo de culturas e raças e das vantagens que há na mistura com sangue vindos de outras paragens longínquas. Não será difícil demonstrar nas escolas e não só o que o povo português já de si é uma mistura de raças e sangue como prova a nossa história! Na escola as crianças, dependendo também muito da capacidade dos professores, devem também ir-se apercebendo que afinal não é na cor da pele, na cor e no formato dos olhos, nem na altura, que residem as diferenças entre as pessoas, mas sim no intelecto formado noutras paragens e com outras culturas, mas que isso não constitui nenhuma ameaça, bem pelo contrário! Os professores podem e devem falar das sociedades representadas pelos alunos nas escolas comparando-as com a nossa. Nessas sociedades haverá também personalidades históricas, guerreiros, escritores, cientistas, ginastas, músicos, pintores, bailarinos, jogadores, etc. Entre os pais de alunos estrangeiros que aqui têm de sujeitar a trabalhar na construção civil, restauração, etc, há pessoas com cursos superiores que aqui nada valem, assim como os nossos cursos superiores nada valem nos países deles! Quem sabe se chamando essas pessoas para fazerem umas palestras sobre a sua vida e cultura e sobre a sua necessidade de, não obstante, precisarem de vir cá para melhorarem de vida não conseguirão ser mais apreciados e compreendidos por alunos e pais. Em dias de festas escolares os pais dos alunos poderiam ser chamados a participar e animar a festas ficando os seus filhos como espectadores: uns tocariam instrumentos dos seus países, ou cantariam ou dançariam, outros fariam teatro, outros contariam histórias e ou até circo. Acho que naturais e estrangeiros colaborarem com os seus saberes e boa vontade para melhorarem as sociedades em que vivem haverá certamente mais solidariedade e empatia e um reconhecimento mútuo dos valores de cada um. Tudo isto será muito lindo de dizer até porque entre nós próprios, sobretudo nas cidades somos muito individualistas. E isto será bom que seja posto em causa, porque se se torna necessário integrar e bem receber os estrangeiros, porque não começa a olhar para os nossos vizinhos do próximo mais como possíveis amigos e menos como as pessoas que só encontramos esporadicamente num elevador quando vamos numa corrida para o emprego o que quase nem nos dá tempo de lhes dizer bom dia!